

# 50 ANOS A MIL



LOBÃO  
com CLAUDIO TOGNOBU

# 50 anos a mil

Lobão com Cláudio Tognoli

*a minha Regina*

Das tripas, coração

*(pro Júlio Barroso, Cazuza e Ezequiel Neves)*

Quem foi que disse a você, quero saber,

Que perder é o mesmo que esperar?

Quem é que vai ficar tranquilo, perdido

na beira do abismo, sangrando?

E se você pudesse ter alguém de joelhos a teus pés

A pedir o teu sinal,

Sussurrando todo o seu calor na tua orelha,

Procurando por uma palavra que não fosse em vão,

Que fizesse você compreender...

Que abandono meu lugar

Rasgando as veias,

Derramando meu amor

Pelas areias.

Anuncia um lindo Sol Radiante:

A última alvorada em teu semblante,

E na perfeição de um céu sem sombras

A gente vai se encontrar.

E das tripas, coração... mais uma tarde

Pra levar o meu amor pra eternidade.

Meu amigo, por favor me aguarde, que a gente vai se encontrar.

Quem é que vai zombar desse deus trapaceiro nesse Rio de Janeiro?

Quem é que vai anunciar a próxima atração?

E uivar pra Lua cheia  
A gargalhar os tormentos do mundo?  
Quem é que vai ficar sorrindo,  
Jogando palavras ao mar,  
Vendo a terra toda estremecer?  
Quero saber quem é que vai guardar  
Toda essa dor  
De ficar,  
sozinho, no convés, sem a tripulação?...  
Sou eu...  
Lobão... 50 anos a mil

Faça o download dessa música inédita em [www.lobao.com.br/downloads](http://www.lobao.com.br/downloads)

## *Nota do editor*

Neste livro, decidimos manter o léxico e a sintaxe peculiares e autorais de Lobão. Não fosse assim, a fluidez e o ritmo do livro, tão originais, seriam perdidos.

# Prólogo

Rio, junho, 1984.

Quatro da manhã, cemitério do Caju... Madrugada fria e a gente não parava de chorar... Escondidos, perambulando feito fantasmas, arrastando corrente, pelos cantos do velório... almas penadas.

Àquela hora, não havia mais ninguém na sala com o Júlio, exceto eu e Cazuzza, que, por todos os motivos do mundo, não conseguíamos parar de olhar para o caixão fechado, nem parar de chorar, nem deixar de ir ao banheiro cheirar mais, pra continuar chorando:

“ Perder um cara como o Júlio é como uma decapitação... A gente ficou órfão do nosso irmão mais velho” , sussurrei para um Cazuzza igualmente desmoronado, que me respondia: “ Órfãos e fudidos, você quer dizer” , e emendou: “ Vão chupar a nossa carótida...” Sim, essas visões sombrias já pairavam no ar o tempo todo.

Não parávamos de imaginar as consequências daquela perda. A minha desolação era inédita; nunca estive me sentindo tão dentro do fim, tão nada e com a alma sangrando. Vomitava meus pavores:

“ Agora estamos à deriva. A gente naufraga aqui. Esse velório, esse cemitério, essa morte é como se estivéssemos chegando nas portas do inferno. A partir de agora, todas as nossas esperanças serão deixadas do lado de fora. Todas as esperanças de conquistarmos a nossa autonomia, a nossa estética. Perdemos o trem da história, Cazuzza. Sem o Júlio nós não temos mais uma turma; agora somos um monte de ninguéns!... Chegou a hora dos nossos inimigos se apoderarem da cena pra formar alianças, justamente com aqueles que mais queríamos ver longe. É

a hora do pastiche e da indulgência... A hora do frenesi dos mesmos cadáveres insepultos de sempre, sugando a juventude dos que nada mais têm a oferecer, além do próprio sangue de barata. É a hora dos come-quieto nos fazerem de vilões. É a hora da morte da possibilidade da transformação, da morte da nossa ingênua esperança em querer mudar o mundo. É a hora da morte da liberdade do delírio... O Universo não conspira mais a nosso favor. O inferno é aqui e agora, e nossas esperanças ficaram num céu natimorto.”

Estava delirantemente transtornado pela dor e vagamente anestesiado pela cocaína; sem que necessariamente estivesse inteiramente fora do meu juízo.

O Júlio era um homem-arquivo, um poço das mais variadas informações. Um ser de uma inteligência prodigiosa, de grande coragem e inspiração; um articulador.

Era um esteta, e perseguia obsessivamente a novidade, digerindo tudo que estava ao seu alcance, sem barreiras, sem dogmas. Fora a sua alegria... O

Júlio era um grande poeta, uma criatura engraçadíssima, uma aventura ambulante, um sexista, um sátiro e, antes de qualquer coisa, um amigo raro.

Com tudo isso passando pela cabeça, naquele velório, suor e lágrimas se fundiam. O silêncio se desfazia com o cantar dos passarinhos, que despertavam com o dia a me causar calafrios. Na sala, o caixão fechado invocava toda uma angústia da incapacidade em não poder dar o último abraço, o último beijo. Daí pensei: “ Cazuzza, pensa bem: tá todo mundo dormindo, a gente tá aqui sozinho, com ele... Vamos sublimar a paradinha.

Vamo esticar duas carreironas em cima do caixão? Pelo menos essa kartirinha da Ordem dos Músicos vai servir pra alguma coisa. A gente não pode se negar a fazer isso, né?” Eu fungava, apalpando freneticamente os bolsos.

“ Vai ser nossa última homenagem... Não tem ninguém olhando... Vamo nessa, rapá!”

“ Lobãozinho” , Cazuzza de vez em quando me chamava assim, ciciando, “ tá bom, vamos nessa. Mas será que não vão pegar a gente com o canudo no nariz?”

“ Claro que não, bobo. Tá todo mundo cansadão, dormindo pelos cantos. E

se alguém nos flagrar, vai pensar que tá tendo um visual causado pela estafa e pelo sofrimento. Além do mais, isso aqui é uma licença poética!” Depois de algum tempo tremelicando, consegui tirar a tampa de Minalba do bolso, cheia de cocaína, despejar no verso da kartira azul e pousá-la em cima do caixão. Estiquei diligentemente duas enormes lagartas que reluziam a brilhar naquela insólita superfície — que naquele instante, em todo o seu conjunto, mais parecia uma instalação de arte contemporânea —, e passei o canudo de caneta Bic pro Cazuzza: “ Vai nessa, meu irmão. Pensa que é pro Júlio.” Ele me deu uma risada meio amarga, meio úmida, deu uma cafungada forte e, sem perder o fôlego, me passou o canudo secando a narina no antebraço, dizendo baixinho: “ A gente é muito louco! A gente é maluco...” Pausa. Mais uma risadinha canalha e emenda: “ Mas também, o que nos resta?!” Respirei um pouco pra pegar um ar depois do catranco e, me dirigindo a um Júlio que, nesse exato momento, parecia descer das nuvens, todo de branco, como sempre gostava de se trajar, a nos abençoar, escancarando um sorriso de quem está pronto para gritar para seus irmãozinhos — “ Aleluia, rapeizy!” —, contrito, lhe prometi: “ Meu amigo, você vai sempre estar com a gente, você vai sempre estar vivendo dentro da gente, pode crer!”

Recebemos um fluxo de energia poderoso. Um momento ritual. A partir de então, a minha vida se resumiria em antes e depois daquele instante. A morte do Júlio Barroso foi um marco: existia o antes e o depois daquela perda. Não só para mim, mas para toda a história.

E olhando pro Cazuzza, inflado de amor, arrematei: “ E tem outra, rapá, não vão derrubar a gente assim tão mole, não! Vamos em frente, mesmo porque a morte do Júlio não vai ser em vão. A nossa vida não pode ser em vão, e, se nada pode deter uma pessoa feliz, nada poderá nos deter, pois a nossa história vai ser cada vez mais... cada vez mais...” Chorava copiosamente. Diante daquele vazio, gaguejando mentalmente, tentando pinçar na cabeça o que poderia ser “ cada vez mais” , arrematei: “ INTENSA!!!!” E não satisfeito, prossegui: “ e cada vez mais... DIVERTIDA!!!!” E concluí: “ A nossa onda de amor não há quem corte!!” Chacoalhando de emoção, abracei com toda a força o caixão.

Talvez tenha sido ali, naquele momento surreal, que nasceu não só uma vontade, mas um compromisso tácito entre meus amigos de que, uma vez sobrevivendo, eu deveria contar toda a história. Uma saga à procura de um lugar a que se pertencer... Eu precisava, através de um juramento, me motivar o bastante para não ver nossos sonhos serem sepultados com meus amigos.

Preparem-se porque, a partir de agora, vou contar uma história de amor louca, insólita, humana, demasiadamente humana, imprevisível, improvável, mas bem real: a história da minha vida, que se mescla e se confunde com a da minha geração, do nosso país e de nosso tempo. Não se trata de uma simples narração de um passado longínquo, morto e enterrado, fruto de um devaneio nostálgico. É uma história cheia de vida, de intensidade e de revelações, que incide no presente e se projeta em direção ao futuro.

Portanto, não se enganem: o melhor ainda está por vir, pois essa promessa eu fiz aos meus amigos, ao pé de suas lápides.

E tenham a certeza absoluta de que a cumprirei à risca.

# Capítulo 1

Pela lógica dos fatos, eu deveria ter me tornado um bundão. Contrariando as expectativas, consegui atenuar e, até mesmo, reverter essa lamentável característica. Até hoje fico me perguntando como consegui essa façanha, pois, analisando bem os fatos, minha sina de idiota era tida e havida como algo certo e garantido.

Sou do Rio de Janeiro, carioca da Zona Sul, nascido às 10h30 da manhã do dia 11 de outubro de 1957, no Humaitá, na Casa de Saúde São José, sob o nome de João Luiz Woerdenbag Filho.

Meus pais eram, por coincidência, os dois, filhos temporões. Eram do tipo supercaçulas. Um casal jovem, apaixonado, meio desprotegido, meio de direita... Ele, uma espécie de nazista conceitual; ela, lacerdista, depois arenista, com paixões muito particulares e contraditórias, tipo amalgamar a doçura dos olhos azuis do Médici nos do Chico Buarque. Era fã incondicional de ambos, a ponto de não conseguir distinguir onde começava um e onde terminava o outro. Meu pai se chamava João Luiz Woerdenbag. Minha mãe, antes, como solteira, e posteriormente, como divorciada, possuirá o mesmo nome e sobrenome da minha avó: Ruth Araújo de Mattos.

Nós, enquanto prole, éramos eu, o primogênito, até então, e minha irmã, Glória Maria, que nasceu um ano e dez meses depois (a gente foi condicionado desde cedo a se tratar respectivamente por Maninho e Maninha).

Meu pai era um cara de uma habilidade extraordinária. Vindo de uma família de automobilistas, inventores e excêntricos, era considerado por seus amigos e colegas como um gênio da mecânica, além de ser profusamente amado entre seus comandados, apesar de não poupar esporros bíblicos, principalmente às sextas-feiras, dia de vale. Com a idade, teve a manha de se autofolclorizar e capitalizar uma rabugice genética que o acometia, a ponto de seus amigos se reunirem às sextas na oficina só pra ver ele estourar. Ele tinha consciência de que aquilo tudo era um espetáculo. Todo mundo se esporrava de rir, com todo o respeito, às



escondidas, é claro. Sua fúria, apesar de incutir o medo generalizado, também provocava arrancos de risos (que deveriam ser, creio eu, de nervosismo). Realmente tratava-se de uma figura forte, singular, que não comia carne de espécie alguma (tinha um nojo patológico), que arrancava dente a seco (tinha grilo de anestesia) e era mestre em desenhar elipses, polígonos, trapézios, circunferências e outras figuras geométricas à mão livre, com assustadora precisão, apesar de ter alguns dedos amputados. Montava e pintava aviõezinhos de guerra, balsas do Mississippi, baratinhas de corrida, caravelas piratas — tudo com uma perfeição irritante. Quando estava filosófico, lembrava a todos que deveria ser enterrado de lado, em virtude de suas narinas colabantes. Pena eu não ter conseguido realizar esse seu desejo. Adorava colecionar trenzinhos elétricos, locomotivas a vapor, correr de autorama e montar maquetes de cidades inteiras em gesso. Para qualquer garoto, um pai assim era a Disneylândia! Mas também era um cara muito competitivo, tão competitivo que escondia seus truques de todos, inclusive de mim. Não tinha muito saco de me ensinar as coisas, talvez por eu ser meio desajeitado. Acho que, como minha mãe praticamente me impedia de fazer as coisas por mim mesmo, fui desenvolvendo uma inapetência mórbida. Meu pai ficava impaciente e me chamava de mão de onça, sem jeito mandou lembranças... Fui o primeiro elemento da família, depois de três gerações, a não seguir a carreira automobilística.

Minha mãe (meu pai a chamava de “Meu Bem” sob qualquer circunstância), apesar de ter passado a vida útil de seu casamento entre a vida de dona-de-casa-que-frequenta-centro-espírita e a tela da televisão, nos primórdios de seu casamento, foi campeã de corridas de kart! Um tremendo pé de chumbo! Realmente dirigia bem à beça. Chegou até a ganhar prova final do campeonato masculino, no circuito de Petrópolis, disfarçada de papai. É

que papai tinha asma de fundo nervoso e, na hora da corrida, ficou totalmente sem ar. Como a indumentária de então exigia, além do capacete, um lenço do tipo “assaltante de diligência”, foi fácil ela se passar por ele... Só que na hora de subir ao pódio, em triunfo, foi aquele bafafá. Foi desclassificada e expulsa

sumariamente da federação.

Eu me lembro da foto dos dois se beijando, apaixonados, de macacão e capacete na capa de uma revista especializada. Cheguei a sair no canal 100

dando o maior vexame chorando, gritando por “ Mamãe!, mamãe!” , que, concentradíssima, ia se encaminhando para o *grid* de largada.

Estava longe de ser uma mulher medíocre. Possuía um brilho e uma simpatia que cativava a todos. Quando aluna, era impecável, obsessiva, uma CDF

contumaz. Varava as madrugadas ingerindo estimulantes e barbitúricos, estudando freneticamente (ela chegou a me confessar que fazia isso para agredir minha avó, que volta e meia a emputecia chamando-a de BACAMARRRRRTE!!!! ), enquanto meu querido avô (eu o chamava de vovô Mattos), desesperado com a cena, implorava a ela que parasse com aquilo, que fosse namorar, jogar vôlei, que se transformasse até numa anta, mas descansada; até que um dia não aguentou mais e, descontrolado, jogou todo o material escolar — de uma filha completamente exausta e catatônica, que assistia à cena vidrada, como se estivesse contando carneirinhos, quando, na verdade, eram os livros, os cadernos e as canetas — pela janela. Eu acho que era um vazio enorme que ela sentia, por não se pertencer a nada.

Contando com todo seu aparato intelectual, conseguiu as maiores notas da faculdade que cursou com a estonteante média geral de 9,7.

Tratava-se de uma poliglota de mão-cheia, que falava sem nenhum sotaque o inglês, o francês, o italiano; além de tirar onda blasfemando em línguas mortas, como o grego e o latim. Tinha alma de artista, aprendeu piano e violão e queria ser bailarina. Foi destaque da Vila Isabel sambando no asfalto durante alguns carnavais. Mais tarde, se estabeleceu como professora de cursinho de inglês. Foi correspondente internacional da ABC.

Meu pai, que não tinha curso superior, era autodidata e foi criado entre chassis, tornos e carrocerias num palacete do final do século XIX, na rua do Senado, centro do Rio, transformado em oficina mecânica pelos meus avós. O tal palacete, que mais parecia o solar dos Monstros, era herança do pai da minha avó

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

